

DESEMPREGADA, MAS NÃO HUMILHADA!

Janaína Barbosa de Carvalho*

Dizem que estar desempregada é a pior coisa do mundo. Será mesmo?

Ao viver o que Jéssica viveu naquele dia, ou melhor, naqueles dois dias, ela teve certeza que não:

- Fui do céu ao inferno!

Foi uma alegria tão grande quando ela recebeu aquela ligação, que o coração disparou e a perna bambeou. Afinal, já fazia mais de três anos que estava desempregada, e, com a carestia da vida, o filho crescendo, as “necessidade” aumentando, não dava mais pra viver de “bicos”. Corria para alcançar a condução, mas teve que parar ali mesmo para escutar a moça do outro lado da linha, que adiantou:

- O serviço é pesado, limpeza em obra, não pode ser mole, interessa?

Respondeu do outro lado da linha, sem pestanejar:

- É pra mim mesmo, dona!

Nessa hora relembrou a época em que batia feijão com cambão no sítio da avó, aquilo sim era serviço pesado, e mesmo franzina dava conta do recado.

A ordem era comparecer amanhã à Rua Riachuelo, n. 302, Jardim América, às 8h. A mulher deu a referência:

-É só pegar o “4.40 interbairros”, tem um ponto em frente à obra.

Levantou cedo, ou melhor, mal dormiu com medo de perder a hora. Às 5h se pôs de pé e foi fazer o café. Investigou a lata, o pó mal dava pra uma xícara, fez o que deu e pensou esperançosa:

- A vida vai melhorar, hoje eu volto empregada!

* Servidora do Tribunal Regional do Trabalho da 15ª Região.

Beijou a santinha no peito e saiu no rastro.

Mal desceu da lotação já avistou um mundaréu de gente, todos com a característica pastinha na mão, desempregados, é óbvio. Esmoreceu na hora, e foi tomada por aquela angústia que lhe acompanhava desde que perdera o último emprego. Reviveu as andanças, virou uma andarilha. Onde diziam que tinha emprego, lá estava: agência, indústria, cooperativa, empresa de terceirização, internet, Facebook, tudo! E nada! Só lhe sobravam mesmo as “faxina” em casa de família, e para ela isso não era vida, tinha que ter carteira assinada.

Foi tirada de suas divagações quando apareceu uma senhora toda engomada, salto alto, cabelos presos e pisada firme, que foi logo dizendo “façam uma fila ali”, e apontou para um contêiner.

Todos se puseram em fila indiana, e a dona começou a entrevistar os candidatos ali mesmo.

Pegava o *curriculum* e dizia “**você não**”, descartando-o de canto. A uma moça perguntou se não tinha televisão em casa, quando leu no *curriculum* que ela tinha 13 filhos. Nessa hora, ouviu uma gritaria vinda de dentro da obra: eram os pedreiros que, a cada pessoa “descartada”, faziam uma algazarra, debochavam sem dó. A outra candidata disse: “**você com cinquenta anos está velha, nem a própria mãe lhe daria emprego**”, e, a uma terceira de olhos claros, “**que era muito bonitinha e não servia para o trabalho duro**”. Fazia questão de dizer em voz alta, e os peões da obra paravam para gritar “uuuuuuuuuu”.

Foi subindo um frio na barriga só de imaginar o que seria dela, as pernas foram molejando e a boca secando. Passou por sua cabeça sair da fila. Não podia, precisava do emprego mais que tudo. Na sua vez, apertou com tanta força a santinha no peito que arreventou o cordão, e suplicou:

- Nossa Senhora, me proteja!

De pé, frente a frente, olhava a matrona sem encará-la, não queria ser vista; ansiava, pelo sim, pelo não, que aquilo terminasse logo.

Não sei o que viu nela, só sei que ali mesmo a mulher foi dizendo “está contratada”. Combinou o horário, o salário e disse que tinha cesta básica e café da manhã. Entregou-lhe uma lista de documentos, endereço para os exames médicos e encerrou pedindo para retornar na quarta-feira, “às 8h, vestida para o trabalho”.

Saiu dali levando no peito um sentimento meio embolado, não sabia explicar, um misto de felicidade, surpresa, descrença! Foram tantos “nãos” que o “sim” lhe paralisou. Apesar de tudo, não perdia o bom humor e sempre dizia às amigas:

- A gente corre das contas o mês inteiro, mas elas são danadas, sempre alcançam a gente!

Então agora estava empregada, com carteira assinada, vale-transporte. O salário era pouco, é verdade, o mínimo, mas tinha a cesta e o café, e sozinha se consolava:

- Um emprego, com carteira assinada, isso é o que me basta!

Mas a felicidade era abafada por um atterramento, mal preságio, uma inquietação, não sabia o porquê. Não lhe saíam da cabeça as entrevistas - aqueles não eram modos de tratar os outros. A patroa era dura, mas gostou dela, isso é certo, de cara a contratou. Porque ficava alimentando essas bobearias, ordenou a si mesma:

- Deixa disso! Patroa é tudo igual, tem sempre esse ar superior.

Já suportara outras, essa também suportaria.

Correu atrás da papelada, fez os exames médicos, tudo por conta, gastou o que não tinha. Chegou o dia, apresentou-se em trajes de labuta, como a dona tinha mandado.

Foi recebida pela patroa e surpreendida com a negativa de contratação. Inconformada, tentou saber o motivo e recebeu como resposta: “a empresa é minha eu contrato e demito quem eu quiser, e se quiser procure seus direitos, o que não vai dar em nada”. Tudo isso de forma arrogante e na presença dos homens da obra. Dessa vez Jéssica não ouviu um pio. Ou será que estava tão atordoada que nem se deu conta que caçoavam dela? Chorava e dizia:

- E a papelada, os exames, o dinheiro gasto?

A mulher sem coração virou as costas e jogou os papéis ao vento, caindo à sua frente.

Foi então que lembrou o aperto no peito, era isso! Como podia? Dormiu empregada, foi humilhada e acabou desempregada. Pegou o ônibus de volta e, em meio a soluços, veio a revolta. Aquilo não ia ficar assim!

- Vou mostrar “praquela” dona com quantas “vassoura” se faz uma faxina.

Sem delonga desceu ao centro da cidade e foi procurar o Doutor João, um advogado que já tinha lhe valido outra vez. Arriscou no endereço antigo, era um lugar meio sombrio, uma escada íngreme, as paredes descascadas, mas não perdeu viagem - lá estava o nome dele na porta.

Recomposta e agora com o sentimento virado, tomada pela raiva, relatou tudo ao doutor: a entrevista, dela e dos demais, as piadas, os vitupérios, a papelada, os gastos e o modo como foi escorraçada da obra. Deixou claro, queria danos morais, era de lei, não abria mão, e tratou de explicar:

- Não era pelo dinheiro, era pra patroa aprender que desempregado não pode ser humilhado.